

Notícia da primeira vacinada contra Covid-19 no Brasil vista por lentes feministas interseccionais

News of the first woman to get Covid-19 vaccine in Brazil seen through intersectional feminist lens

Noticia de la primera vacunada contra Covid-19 en Brasil vista a través de lentes feministas interseccionales

Ana Carolina ESCOSTEGUY¹
Suzane BORELA²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender os sentidos produzidos pelas notícias sobre a primeira vacinada no Brasil contra a Covid-19, publicadas por *Nós, mulheres da periferia* (2012-) e *Alma Preta* (2015-). Essa análise é contextualizada com material jornalístico elaborado pela *Gênero & Número* (2016-) e com materiais da imprensa em geral. Toma-se como enquadramento teórico-metodológico a perspectiva feminista interseccional (COLLINS, 2017) e a adoção da experiência como categoria epistemológica para uma análise cultural da produção jornalística em questão (CARVALHO; LAGE, 2014). Deste modo, buscamos demonstrar a fertilidade dessa perspectiva centrada na experiência, seja pelo seu acionamento na produção jornalística, seja na construção de um conhecimento democrático e inclusivo, e no reconhecimento das diferenças e desigualdades sociais.

Palavras-chave: Jornalismo; Estudos Culturais; Feminismo; Interseccionalidade; Covid-19.

Abstract

This work aims to understand the meanings produced by the news about the first person vaccinated against Covid-19 in Brazil, published by *Nós, Mulheres da Periphery* (2012-) and *Alma Preta* (2015-). This analysis is contextualized with journalistic material prepared by *Gênero & Número* (2016-), as well as materials from

¹ Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS; pesquisadora do CNPq. E-mail: carolad2017@gmail.com – ORCID 0000-0002-0361-6404

² Doutora em Comunicação POSCOM/UFSM. E-mail: suziborela@gmail.com – ORCID 0000-0002-3739-9081



the press in general. The intersectional feminist perspective (COLLINS, 2017) is taken as a theoretical-methodological frame, and the adoption of experience as an epistemological category for a cultural analysis of the journalistic production in question (CARVALHO; LAGE, 2014). Therefore, we seek to demonstrate the fertility of this experience-centered perspective, whether through its activation in journalistic production, or in the construction of democratic and inclusive knowledge, and in the recognition of social differences and inequalities.

Keywords: Journalism; Cultural Studies; Feminism; Intersectionality; Covid-19.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender los significados de las noticias sobre la primera persona vacunada contra la Covid-19 en Brasil, publicadas por Nós, Mulheres da Periphery (2012-) y Alma Preta (2015-). Este análisis es contextualizado con material periodístico elaborado por Gênero & Número (2016-), así como con materiales de la prensa en general. Se toma como encuadre teórico-metodológico la perspectiva feminista interseccional (COLLINS, 2017), y la adopción de la experiencia como categoría epistemológica para un análisis cultural de la producción periodística en cuestión (CARVALHO; LAGE, 2014). De esta manera, buscamos demostrar la fertilidad de esta perspectiva, ya sea a través de su activación en la producción periodística, ya sea en la construcción del conocimiento democrático e inclusivo, y en el reconocimiento de las diferencias y desigualdades sociales.

Palabras clave: Periodismo; Estudios Culturales; Feminismo; Interseccionalidad; Covid-19.

Introdução

A Covid-19, no Brasil, se revela mais mortal entre a população negra e pobre³. Não por acaso a primeira morte causada por essa doença no Rio de Janeiro, em 17 de março de 2020, foi de uma mulher negra, de 63 anos, empregada doméstica⁴. A população negra é particularmente afetada como consequência da desigualdade social e do racismo estrutural que remonta ao regime escravagista⁵. Assim, a pandemia tem consequências diferentes segundo o segmento social, portanto, não é

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

⁵ Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/> e https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/12/COVID19_2020_informe2.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2022.



uma doença democrática⁶. As fontes dessas notícias são variadas: agência de jornalismo independente, seção ONU Mulheres e portais noticiosos da mídia hegemônica.

Tomando como ponto de partida as disparidades de classe social, gênero e raça que a emergência sanitária no Brasil escancarou, empreendemos um exercício exploratório para compreender os sentidos produzidos pela dinâmica de narrativas jornalísticas em uma perspectiva interseccional e, assim, observar como determinadas visões de mundo são acionadas e dão forma ao texto jornalístico⁷. A análise envolve, em primeiro plano, práticas jornalísticas associadas às experiências de jornalismo de *Nós, Mulheres da Periferia* (2012-) e *Alma Preta* (2015-). O disparador da análise é a cobertura jornalística sobre a primeira pessoa vacinada contra Covid-19 no contexto nacional, em 17 de janeiro de 2021. Ela é uma mulher negra, enfermeira, que pega ônibus e metro para trabalhar diariamente, atuando na linha de frente de combate à pandemia, em São Paulo (SP). Embora o foco esteja centrado nas narrativas dos dois portais noticiosos indicados, entendemos que as primeiras estão articuladas com conteúdo noticioso de meios de comunicação tradicionais, bem como com materiais produzidos por outras organizações de jornalismo independente, por exemplo, como os da *Gênero e Número* (2016-)⁸.

A opção por experimentar o enfoque da interseccionalidade aplicado à pesquisa em jornalismo justifica-se na medida em que o uso desse conceito é muito tímido quando se trata de uma interface desse tipo (LAGO *et al.*, 2018)⁹. Observa-se, ainda, que, no campo da Comunicação, ganha destaque ora o enfoque nas relações

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/22/negros-morrem-e-adoecem-mais-com-Covid-19-no-rio-diz-fiocruz.ghtml>. Acesso em 20 de abril de 2022.

⁷ Este artigo consiste no primeiro movimento de um estudo maior que envolveu, em um segundo momento, a exploração da leitura desses mesmos materiais jornalísticos por mulheres autodeclaradas negras. O que aqui se apresenta enfatiza a textualidade jornalística; o segundo, a pesquisa empírica e qualitativa. Em ambos, articulamos e acionamos a perspectiva feminista interseccional e a categoria experiência, tanto na escuta das leitoras quanto na análise das notícias selecionadas. A publicação dos resultados do segundo movimento está em “Covid-19 e jornalismo independente: Experiências e interseccionalidades nas narrativas e leituras sobre a primeira vacina no Brasil”, de autoria de Ana Carolina Escosteguy, Suzanne Borela e Simone Munir Dahleh, no prelo.

⁸ Tal premissa metodológica é sugerida por Douglas Kellner (2001) quando reivindica que a análise cultural centrada em um determinado produto cultural deve considerar sua articulação com outros textos que estão em circulação em um espaço e tempo específicos e que configuram o contexto.

⁹ Originalmente, optamos por indicar nas referências e ao final de citações diretas e indiretas o nome completo de autores e autoras, com objetivo de reconhecer e dar visibilidade às pesquisas de autoria feminina, reforçando o lugar ocupado por mulheres na produção de saberes em diferentes áreas do conhecimento. Contudo, para atender as diretrizes da revista, que toma como base as normas vigentes da ABNT para referências bibliográficas, revisamos o texto original, excluindo os prenomes das citações o que inevitavelmente resulta no encobrimento da autoria



raciais, ora o de gênero, sendo muito recente a presença do cruzamento entre questões de gênero, classe e raça (ESCOSTEGUY, 2020). Em convergência com essa observação, Flavia Rios e Viviane Gonçalves Freitas (2018), ao realizar um estudo

sobre a imprensa negra e feminista, concluíram que as análises correntes quase sempre acompanham *ou* os estudos de gênero, em sua vertente sobre a análise feminista, *ou* os estudos sobre relações raciais, que aborda a imprensa negra e a mobilização do ativismo negro. No Brasil são dois campos de estudos que andam em linhas paralelas, com raríssimos pontos de diálogo. (RIOS; FREITAS, 2018, p. 41, destaques nossos).

O paralelismo entre as análises que assumem interfaces entre Comunicação e relações raciais e aquelas que trabalham questões de gênero, bem como a novidade e incipiência do uso do conceito de interseccionalidade(s) no mesmo campo e, conseqüentemente, nos estudos de jornalismo validam sua incorporação como uma contribuição importante a uma agenda feminista que se propõe plural e em direção contrária à universalização da "mulher". Além disso, a notícia de que a primeira pessoa vacinada seja uma mulher negra é profícua para pensar como um acontecimento pode ser construído de diversas maneiras, portanto, fazendo-o significar de modo distinto a partir da ativação de diferentes compreensões da realidade que podem ou não levar em conta essa situação de "opressões cruzadas" (BIROLI; MIGUEL, 2015), sendo esse o objetivo do exercício que segue.

Com esse propósito, estrutura-se a argumentação em duas partes, além desta introdução. A primeira apresenta, de modo muito sintético, nossa orientação mais geral sobre a abordagem do jornalismo a partir dos estudos culturais, destacando-se o vínculo entre um ponto de vista feminista e interseccional e a análise cultural do jornalismo. Desse modo, situamos o exercício proposto no âmbito dos estudos culturais feministas, apresentando, na segunda parte, a análise da cobertura jornalística já indicada. Ao final, registramos nossos comentários à moda de conclusão, embora estes sejam ainda preliminares.

Estudos culturais feministas, interseccionalidades e jornalismo: a valorização da(s) experiência(s)

No arranjo teórico-metodológico pretendido, compreendemos o jornalismo como fenômeno universal, porém profundamente conectado com as condições históricas e contextuais em que é praticado, portanto, culturalmente variável. Em



sintonia com esse entendimento, reivindica-se como atividade primeira do jornalismo a produção de sentido, sendo que o gênero noticioso é um tipo particular de sistema simbólico (BIRD; DARDENNE, 1988). Por essa razão, o jornalismo é compreendido aqui como uma forma e prática cultural na qual "o trabalho do repórter é atribuir sentido. Uma lista de fatos, mesmo que ordenados cronologicamente, não é uma narrativa como também não é uma narrativa noticiosa" (SCHUDSON, 2005, p. 121)¹⁰.

Ao contrário, entende-se que as narrativas "são sempre uma 'resposta', ou melhor, um 'em resposta' que articula e enreda acontecimentos, qualidades, objetos, outros relatos e outras histórias" (ANTUNES, 2013, p. 197). São um lugar contínuo de produção de sentido, pois, ao narrar, ordena-se o caos, e a experiência torna-se apreensível, inteligível e acessível. Ao narrar, estamos sempre produzindo novos conhecimentos e experiências. Sendo assim, é pela narrativa jornalística que o acontecimento é dotado de sentido, de valores e de referências.

Tomando essas ideias como balizas, assumimos que uma análise cultural do jornalismo pressupõe compreender a narrativa noticiosa como uma prática significativa, situada em um horizonte multidimensional, atravessado por relações de poder que afetam a prática jornalística. Incidem nesse tipo de análise as condições sociais de produção e estratégias produtivas das organizações jornalísticas, bem como sua estrutura político-financeira, as ideologias profissionais em ação e as respectivas equipes (os/as jornalistas) com suas subjetividades particulares e perspectivas sociais e, também, as condições e práticas de consumo/recepção (HALL, 1993). Claro, no exercício proposto aqui, não é viável dar conta de todos esses aspectos. Priorizamos observar as narrativas jornalísticas, produto das condições de produção, do tipo de organização midiática e dos/as respectivos/as produtores/as e seus mapas referenciais. Porém, sem desconhecer o peso dos demais elementos.

Ao focar as lentes em um acontecimento (o início da vacinação contra Covid-19 no Brasil) que visibiliza uma mulher negra (primeira pessoa vacinada), consideramos fundamental combinar os pressupostos recém apresentados a um ponto de vista feminista e interseccional. Com esse propósito, assumimos uma premissa

¹⁰ Referenciamos, aqui, nosso entendimento de jornalismo em fontes bibliográficas anglo-americanas (E. Bird, R. Dardenne, M. Schudson, S. Hall), sem desconhecer que com essa atitude reforçamos uma determinada matriz de pensamento alheia às nossas particularidades. Contudo, essa posição é evidência da existência de "globalização das culturas acadêmicas nos estudos de comunicação" (Waisbord apud Fuentes, 2018, p.331).



epistemológica feminista que afirma a centralidade das experiências de distintas mulheres nos processos de produção do conhecimento. Esse princípio pode ser mobilizado de variadas formas. Em um primeiro momento, pretendemos acioná-lo como categoria epistemológica. E, adiante, exploraremos sua potencialidade como categoria analítica.

Na primeira condição, contrapõe-se àquele entendimento que pressupõe a existência de um sujeito universal e constroem-se novos sentidos no processo de ressignificação da objetividade a partir da categoria experiência. Esse posicionamento reconhece a experiência como categoria capaz de permitir uma compreensão de como os sujeitos experimentam o mundo social. Daí que compreender a categoria gênero como elemento constitutivo da experiência (GRAY, 1997) torna possível dar visibilidade às subjetividades. E, ainda, a partir dela - experiência - perceber que existem outros conhecimentos que são reprimidos e/ou negados.

Conforme destaca Joan Scott, “a desigualdade de gênero tem a ver com outras desigualdades” (SCOTT, 1995, p. 78). A autora assinala, ainda, a necessidade de considerar os processos de linguagens (e discursos) que posicionam os sujeitos e suas experiências, especialmente quando tratamos de diferenças (identitárias). Sendo assim, é necessário questionar a indiferenciação ou a generalidade da experiência, por exemplo, das mulheres. Principalmente, a partir do final dos anos 1980 e ao longo dos anos 90, no contexto internacional, avulta o debate dentro das teorias feministas que examinam a combinação de um conjunto de marcadores - gênero, classe social, raça, entre outros - na produção de desigualdades e, portanto, no questionamento da universalidade de gênero - neste caso, entre mulheres. Desse modo, ocorreu uma valorização das posições de sujeito e de experiências distintas interferindo significativamente na produção de conhecimento e narrativas.

A experiência é constantemente reiterada no processo comunicativo, portanto, também pela consciência dos sujeitos, tendo em vista que, como seres humanos, não temos controle daquilo que nos afeta, que nos atravessa e se coloca à nossa frente diariamente. O jornalismo pode ativar o potencial transformador da experiência por meio do seu compartilhamento em notícias, reportagens e conteúdos com os quais nos identificamos e que consumimos. Desse modo, é preciso reconhecer que as experiências, “se não podem jamais ser substituídas ou mesmo apreendidas em sua totalidade pelas narrativas que delas fazemos, também jamais podem ser mantidas



em estado vivo ou de latência se delas não tecemos narrativas” (CARVALHO; LAGE, 2014, p. 158).

Diversas autoras e correntes desenvolveram reflexões sobre as diferentes experiências e formas de opressão sofridas pelas mulheres, em decorrência de sua raça, classe, geração e outros marcadores, além da sua condição de gênero. Para Biroli e Miguel (2015, p. 44), "hoje, em grande parte da literatura, é a noção da interseccionalidade que tende a condensar a presença de formas múltiplas e articuladas de opressão". Sem recorrer a um aprofundamento teórico sobre esse conceito, privilegia-se o uso dessa denominação como um termo guarda-chuva que tanto valoriza experiência e conhecimento corporificado quanto reconhece a existência de uma constelação de diferenças que operam conjuntamente ao gênero (COLLINS, 2017).

Apropriamo-nos, então, da experiência como categoria epistemológica, indicando o lugar a partir do qual observamos nosso objeto. Esse passo, por sua vez, nos arremessa para um cruzamento entre uma perspectiva feminista e interseccional e a análise cultural do jornalismo, situando esta última no âmbito dos estudos culturais feministas.

Assim sendo, nosso objeto, o jornalismo, é entendido como cultura e, mais do que responder objetivamente ao "quem", "o quê", "quando", "onde" e "por quê", seleciona determinados atores sociais, o "quem" da notícia, e que tipo de coisas são fatos (SCHUDSON apud BIROLI, 2010, p. 47). Em consequência, promove e dá visibilidade a determinados atores sociais e silencia outros. No geral, a prática de jornalismo dominante e/ou tradicional dá voz a quem já ocupa posições mais centrais e menos voz a quem se situa nas margens. Geralmente, as mulheres ocupam esse último lugar, o das bordas. Então, o que revelam, à luz das premissas recém lançadas, as narrativas jornalísticas que promoveram e visibilizaram a primeira pessoa vacinada no Brasil, uma mulher negra, profissional da saúde que atua em dois hospitais e usa o transporte público diariamente?

A categoria analítica da experiência em práticas jornalísticas sobre a notícia da primeira vacinada no Brasil

Para contextualizar as notícias selecionadas de *Nós, mulheres da Periferia e Alma Preta*, conforme sugestão metodológica de Kellner (2001), partimos de



material produzido pela organização jornalística com perspectiva de gênero *Gênero e Número*¹¹ em dezembro de 2020, que reúne reportagens sobre os impactos da pandemia nas populações mais vulneráveis do Brasil. Com diversas entrevistas e infográficos, a G&N busca demonstrar como a Covid-19 não é uma doença democrática.

De acordo com dados apresentados, o número de óbitos pela doença e de hospitalizados por síndrome respiratória aguda grave é maior quando observado de uma perspectiva interseccional, especialmente falando do marcador social racial. A população negra e indígena está no topo da lista, e os principais motivos, segundo as reportagens, são as condições ambientais e sociais às quais estão submetidas.

Além dos fatores que demonstram as diferentes incidências da pandemia nos diversos segmentos sociais, e, com isso, a maior exposição da população negra e indígena, por exemplo, a G&N aborda outro aspecto importante sobre as profissionais que atuam na área da saúde. Segundo uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP)¹², profissionais negras são a maioria entre as que atuam na linha de frente do combate à pandemia. Mais expostas ao risco de contágio, elas são, em geral, técnicas de enfermagem e agentes comunitárias de saúde e recebem menos orientações, equipamentos de proteção e treinamentos.

Tanto as informações destacadas quanto o enquadramento adotado para a integração das diversas matérias sobre a pandemia compiladas em *2020: o ano da pandemia e seu impacto nas mulheres, pessoas negras e LGBT+*¹³ revelam que a prática jornalística assumida pela G&N tem uma agenda comprometida com direitos sociais de populações vulneráveis, destacando-se demarcações vinculadas a questões de gênero e raça. Aliando reivindicações pelo reconhecimento de desigualdades, sobretudo, instituídas por opressões cruzadas entre gênero, classe, raça, expressa, também, uma prática jornalística que assume determinado direcionamento de pautas, consultando e atribuindo competência e relevância a determinadas fontes, diferenciando-se do padrão da imprensa considerada tradicional e/ou hegemônica.

¹¹ Fundada em 2016, a *Gênero e Número* (adiante G&N) é a primeira organização de mídia da América Latina que produz jornalismo de dados com foco em gênero e raça.

¹² Ver https://neburocracia.files.wordpress.com/2020/12/relatorio_genero_v4.pdf

¹³ Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrospectiva-2020/>



Isso permite identificar suas afinidades com a imprensa feminista e, por sua vez, com uma prática profissional e política de questionamento de generalizações, priorizando um olhar sobre experiências posicionadas de modo mais ou menos vantajoso na sociedade. Contudo, as narrativas jornalísticas construídas, ainda que reconheçam e visibilizem posicionamentos diferenciais na estrutura social, estão fundadas especialmente em indicadores quantitativos, referindo-se a aspectos tangíveis da realidade que, por sua vez, flertam com uma ideia de objetividade que atravessa a ideologia profissional do jornalismo convencional. Relacionado a esse aspecto, não se observa o acionamento das próprias experiências e subjetividades das produtoras/jornalistas para além de seu posicionamento político anteriormente mencionado.

De todo jeito, a retrospectiva da G&N sobre a pandemia destacou as desigualdades racial e de gênero que ficaram demonstradas, em tempos de pandemia, na área da saúde, para além daquelas outras já usualmente referidas em setores como educação, violência e segurança. Entende-se que essa é apenas uma das características da crise sanitária que assola o país. Porém, o reconhecimento dessa faceta da pandemia, no caso em tela, descrita e divulgada pela G&N, bem como pelos materiais jornalísticos citados na abertura deste trabalho, pode atribuir um valor diferenciado à comunicação da primeira pessoa a ser vacinada contra a Covid-19 no Brasil, considerando que esta foi uma mulher, negra e enfermeira, profissional da saúde que atua diretamente no enfrentamento à pandemia.

Momentos após a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizar o uso emergencial da vacina Coronavac, em 17 de janeiro de 2021, a enfermeira Mônica Calazans foi a primeira pessoa a recebê-la no Brasil. Com a notícia da aprovação da vacina, a imprensa passou não só a noticiar esse fato, como a realizar a cobertura do momento da primeira aplicação, transmitido ao vivo por diversos veículos de comunicação. Nesse mesmo dia, a G&N relembrou, em suas redes sociais, a *Retrospectiva 2020* sobre a pandemia do coronavírus no Brasil, indicando a importância e o porquê de esta escolha ser tão significativa para a sociedade brasileira.¹⁴

¹⁴ Fato que foi verificado a partir de uma publicação do Instagram da G&N, divulgada no dia 17 de janeiro de 2020, fazendo menção à escolha do governo de São Paulo pela enfermeira Mônica Calazans e disponibilizando a reportagem realizada no mês de dezembro de 2020 para que os/as leitores/as pudessem verificar, a partir dos dados levantados, como mulheres negras foram as mais prejudicadas



No dia seguinte, em 18 de janeiro, outra organização de jornalismo feminista, *Nós, mulheres da periferia*¹⁵, publicou a reportagem *Mônica Calazans e vacina: felizes e ansiosas mas com os pés no chão*, cuja linha de apoio demarcava o direcionamento da pauta e a agenda do veículo: "Estamos emocionadas, esperançosas (...) mas com os pés atrás e bem no chão. Sabemos que o mundo é diferente da ponte pra cá". Ou seja, com expectativa, mas sem ilusão sobre um presente de relações de equidade social. Destaca-se, de saída, o comprometimento com uma prática jornalística na qual cabe a presença das emoções – por um lado, esperança e entusiasmo, por outro, prudência e cautela.

Para além de comemorar a chegada da vacina, a notícia também denuncia uma diferença no índice de mortes entre a população negra, referindo-se a uma experiência subjetiva de negritude e territorialidades dentro do contexto urbano mais amplo.

Vacinar é urgente, mas é parte do processo. Nada apaga o fato de, até aqui, parte da população ter morrido de forma desproporcional. (...) ao longo do ano de 2020, a curva de mortes e casos sempre esteve mais alta entre os distritos mais negros da cidade de São Paulo (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 18 de janeiro/2021).

Portanto, a notícia chama atenção para como a população da periferia vivencia de modo diferente a pandemia, especialmente no que diz respeito ao acesso e direito à saúde e assistência médica. As urgências da população periférica são outras e mais complexas, conforme destacam Jéssica Moreira e Semayat Oliveira, autoras da notícia.

Aqui nas bordas, há unidades de saúde que ignoram pacientes com sintomas e se negam a realizar testes até mesmo em mulheres com mais de 60 anos, feito nossas mães (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 18 de janeiro/2021).

Também admitem que a escolha de Mônica se configurou via convergência entre um clima político-cultural global antirracista e o interesse político eleitoral de João Dória, governador de São Paulo em campanha para uma possível candidatura presidencial em 2022.

durante a pandemia. A publicação está disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKJ4ZTFppHR/>

¹⁵ Coletivo de mulheres jornalistas da periferia de São Paulo, em sua maioria negra, que tem como marco fundador a publicação de um manifesto na Folha de São Paulo, em 7 de março de 2012, dando origem a um site e uma página no Facebook.



A cena é perfeita para este momento político em que se fala tanto sobre antirracismo e desigualdades. A imagem simbólica, mas, acima de tudo, estratégica (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 18 de janeiro/2021).

Apesar disso, reconhecem a importância de mulheres como Mônica que estão participando no combate à Covid-19, encerrando em tom afirmativo e comprometido: “No mais, viva as Mônicas que estão na linha de frente”. Desse modo, produzem uma narrativa jornalística em oposição ao modelo dominante que se pretende neutra.

Argumentamos que o jornalismo praticado pelo *Nós, ...* responsabiliza-se pelo tipo de coisas que são "fatos", identificando causas e motivações para determinadas ações que se transformam em notícia. Além disso, manifesta um olhar interseccional, pois mostra como a realidade é diferente para mulheres negras e de periferia. Ainda que não dê plenamente voz à protagonista do acontecimento, Mônica, pois usa apenas um breve depoimento seu, enfoca mais na repercussão do fato - a vacinação - na realidade da vida das periferias, em especial das mulheres.

Do nosso ponto de vista, o *Nós, ...* pratica um jornalismo engajado, porém, não se instaura uma polaridade entre esses dois compromissos – jornalismo e engajamento. Além disso, o que enquadra o modo como a primeira pessoa vacinada é noticiada na narrativa em questão está relacionado a quem são as sujeitas produtoras da notícia com suas próprias marcas de gênero, raciais e de territorialidade e, claro, ao tipo de organização jornalística a qual pertencem.

A notícia sobre a primeira mulher vacinada no Brasil aparece, também, em uma publicação da agência independente de jornalismo *Alma Preta*¹⁶, intitulada “É a voz da enfermeira Mônica que devemos ouvir e ela diz: acreditem na vacina”, datada em 18 de janeiro de 2021. Após apresentar a enfermeira Mônica Calazan e sua realidade, *Alma Preta* enfatiza que a protagonista do acontecimento é apenas mais um exemplo da exposição ao vírus ao qual as mulheres negras estão submetidas no Brasil, especialmente quando situadas em grupos de risco, como é o caso de Mônica. Ao fazer uma retomada histórica, a narrativa evidencia a desigualdade social que vem permeando a pandemia desde o primeiro registro de morte por Covid-19 no Brasil. E também destaca a manifestação de opressões cruzadas.

¹⁶ Alma Preta surgiu como uma agência de jornalismo independente e especializada na temática racial em 2015. Os conteúdos são divulgados por meio do site almapreta.com e das redes sociais da agência.



Foi em março de 2020 que o Brasil registrou a morte de uma *mulher negra*, uma *empregada doméstica*, que contraiu coronavírus da patroa recém chegada de uma viagem à Itália. De lá para cá, os números aumentaram, mas a cor da pele de quem mais morre no país por Covid-19 é a mesma daquela senhora de 61 anos, que continuava trabalhando no apartamento de luxo no Leblon, mesmo com a determinação de isolamento social (ALMA PRETA, 18 de janeiro/2021, destaques das autoras).

Ao acionar dimensões culturais e históricas do país, a narrativa permite a reflexão sobre como o engendramento de categorias sociais configura desigualdades e impõe relações de poder diferentes para cada pessoa. Neste caso, especialmente para mulheres que ocupam distintas posições na sociedade – mulher negra, empregada doméstica versus mulher/patroa, possivelmente branca, residente da zona Sul do Rio de Janeiro.

O protagonismo do relato no jornalismo de Alma Preta está centrado em Mônica, uma mulher negra da periferia que atua como enfermeira, mas sua voz é mesclada a uma crítica sobre a atuação dos governos do estado e país, apresentada a partir de estatísticas que demonstram que são as pessoas periféricas e pretas as que estão no topo do ranking de vítimas por coronavírus, especialmente de São Paulo.

A escolha de uma mulher negra, trabalhadora da Saúde, para iniciar o processo de imunização provocou o levante de um país que tem pessoas pretas e periféricas liderando o ranking de vítimas desde o primeiro caso letal confirmado (ALMA PRETA, 18 de janeiro de 2021).

De acordo com o portal, a notícia da primeira mulher vacinada rende “boas manchetes” aos governantes, mas o acontecimento em si não significa uma transformação na prática, ou seja, na implementação de políticas públicas que possam proteger as comunidades mais vulneráveis, como a população negra. Dessa constatação, nasce o forte tom de denúncia: “[...] mania ‘marketeira’ de políticos brasileiros, que exaltam seus feitos como se eles não fossem parte dos deveres que devem pautar a atuação de qualquer gestor eleito pelo povo” (ALMA PRETA, 2021).

Diferente do proposto pelo jornalismo feminista de *Nós, Mulheres da Periferia*, e da agência de jornalismo especializado em temática racial, *Alma Preta*, as notícias da mídia tradicional/hegemônica consultadas para estabelecer uma relação de contextualização (KELLNER, 2001) - G1, Portal R7, CNN Brasil, BBC News Brasil - , em sua maioria, registraram detalhes da vida pessoal da enfermeira Mônica, como o



fato de ser viúva, ter um filho e cuidar da mãe; e recuperaram, mesmo que de modo breve, sua trajetória profissional ao relatar que, antes de tornar-se enfermeira, profissão que conquistou ao graduar-se aos 47 anos, era auxiliar de enfermagem. A rotina intensa e as dificuldades da área da saúde no país não são questões levantadas por essas notícias. Ao contrário, o exercício profissional é associado ao ponto de vista da dedicação em salvar vidas, do cuidado e da escolha de Mônica em estar na linha de frente, mesmo com tantos desafios e riscos.

Em alguns textos, ainda observamos que há uma nota especial em relação à saúde de Mônica, já que esta apresenta doenças que a situam entre as pessoas consideradas dentro de grupos de risco, e que, apesar destes fatores, ainda continua atuando na linha de frente do combate ao coronavírus.

“Viúva, ela mora com o filho, de 30 anos, e cuida da mãe, que aos 72 anos vive sozinha em outra casa. Por isso, Mônica é minuciosa nos cuidados de higiene e distanciamento tanto no trabalho quanto em casa - até agora, nenhum dos três foi contaminado pelo coronavírus. Apesar disso, Mônica viu a Covid-19 afetar sua família quando o irmão caçula, que é auxiliar de enfermagem e tem 44 anos, ficou internado por 20 dias devido à doença”, relatou o governo paulista em comunicado. (BBC NEWS, 2021).

A enfermeira tem perfil de alto risco para complicações da Covid-19: é obesa, hipertensa e diabética. Mesmo assim, em maio, quando a pandemia atingia alguns de seus maiores picos, escolheu trabalhar no Emílio Ribas, mesmo ciente de que a unidade estaria no epicentro do combate à pandemia. Segundo ela, a vocação falou mais alto. (CNN Brasil, 2021).

Mônica atuou como auxiliar de enfermagem por 26 anos e se graduou em enfermagem aos 47 anos. Viúva, ela mora com o filho e cuida da mãe, que tem 72 anos e vive sozinha em outra casa. (G1 O Globo, 2021)

Mônica, que trabalha na UTI do hospital Emílio Ribas, afirmou que tem orgulho de seu trabalho e de ter sido voluntária na pesquisa para a produção da vacina. Ela disse que tomou coragem para ser voluntária no estudo depois que quase perdeu um irmão para a doença. (Portal R7, 2021).

Salienta-se, ainda, que a atividade do cuidado, exercida como enfermeira, é apresentada como vocação. Em nossa sociedade, os trabalhos e as tarefas relacionados ao cuidado, fundamentais para a manutenção da sociedade e das nossas rotinas, são exercidos principalmente por mulheres. Nos subempregos, ou mesmo atuando em áreas profissionais como educação, serviços gerais de saúde e assistência,



as mulheres (maioria entre os trabalhadores/as) enfrentam condições precárias, má remuneração e desvalorização. De acordo com dados da pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil”¹⁷, realizada pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 85% dos profissionais da área da saúde - enfermeiras e técnicas de enfermagem - são mulheres. Em relação ao coronavírus, os dados do Observatório de Enfermagem, site implementado pelo Cofen para o acompanhamento da pandemia, indicam que, em um ano de pandemia, completo em 11 de março de 2021, foram confirmados 49.240 mil casos de profissionais infectados pelo vírus no Brasil. Esse número torna-se ainda mais complexo quando aplicamos lentes de gênero: 85% dos casos reportados são de profissionais mulheres (mais de 49 mil casos reportados), e, dos 656 óbitos ocorridos, 573 eram mulheres, o que representa 68% do total de registros do primeiro ano de pandemia no Brasil.

Esses dados possibilitam compreender a feminização do cuidado como um problema que sobrecarrega mulheres nas suas diferentes vivências e relações sociais. Essa é uma realidade que as coloca em risco por estarem mais expostas às doenças, já que estão inseridas diretamente nesse tipo de trabalho, especialmente as profissões que compõem a área da saúde.

Por isso, compreendemos que relatar características pessoais e do âmbito privado, tais como menções à família e à vida doméstica, e profissionais sobre a trajetória de enfermeira não garante um deslocamento e uma reconfiguração da narrativa jornalística que incorporem múltiplas intersecções, isto é, as múltiplas opressões entre gênero, classe, raça, entre outras. No caso em tela, a referência à vida privada de Mônica reproduz a dicotomia entre feminino/privado e masculino/público e, sobretudo, não rompe com a hierarquia entre essas esferas, obviamente, privilegiando a pública. Isso porque alguns dos materiais consultados dos meios tradicionais – BBC e R7 – reafirmam o protagonismo à voz do governador de São Paulo e ao ministro da Saúde. Portanto, a presença de uma voz negra, neste caso, de uma mulher, por si só não sustenta o empoderamento da negritude nem de mulheres, já que não chega a pluralizar um discurso recorrentemente unidimensional, fundado em uma voz masculina, pretensamente universal. Sendo assim, não promove a politização de questões relacionadas a gênero e interseccionalidades.

¹⁷ Pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil”. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO_Brasil_Final.pdf. Acesso em: 23.abril.2022.



Considerações finais

Um dos questionamentos norteadores de nosso exercício concentrou-se no propósito de observar determinadas narrativas jornalísticas, produzidas por *Nós, mulheres...* e *Alma Preta*, que promoveram e visibilizaram a primeira pessoa vacinada no Brasil, uma mulher negra, profissional da saúde, trabalhadora em dois hospitais e usuária de transporte público. De modo geral, tais práticas ofereceram uma forma diferenciada de olhar para tal acontecimento, situando-se no amplo espectro de práticas jornalísticas alternativas ao modelo hegemônico e tradicional de jornalismo.

Os materiais jornalísticos analisados, destacando aqueles oriundos de uma prática jornalística feminista, como a cobertura da *G&N* e *Nós, mulheres...*, bem como o jornalismo comprometido com a construção de narrativas negras de *Alma Preta*, convergem no tocante à abordagem das desigualdades sociais, resultantes dos impactos da pandemia da Covid-19. Também, realçam as condições diferenciais dos efeitos da pandemia junto ao contingente de mulheres negras dos estratos populares da população brasileira. Essas narrativas que permitem um entendimento das desigualdades de gênero cruzadas com outras dimensões, principalmente, racial e de classe social, contrastam com o que observamos, ainda que de modo secundário, em materiais da imprensa tradicional.

Contudo, os rastros que observamos nas notícias da imprensa tradicional acompanham os resultados de pesquisa sistemática de materiais jornalísticos, publicados no portal O Globo, um dos sites mais visitados no Brasil, realizada por Lago *et al.* (2020), especialmente onde salientam que

[as mulheres] continuam aparecendo majoritariamente por seus relatos de experiências pessoais e muito menos como especialistas, em que pese a linha de frente de profissionais que atuam no atendimento da Covid-19 ser formada em grande parte por mulheres (LAGO *et al.*, 2020, p. 106).

e, portanto, concluem as autoras, “a dimensão da equidade de gênero é praticamente inexistente” na cobertura jornalística analisada. Do nosso ponto de vista, é de suma importância considerar que esses posicionamentos – mais compreensivos em relação às desigualdades de gênero e a suas múltiplas interseções com outros marcadores identitários ou sua inexistência - tenham relação com aspectos relacionados aos



modos de financiamento e organização de tais práticas jornalísticas, isto é, sua estrutura político-financeira, como indicado anteriormente por Hall (1993).

No que se refere propriamente a produtores/as dos conteúdos e seus mapas referenciais, no material produzido por *Nós, mulheres...*, as jornalistas são claramente sujeitas ativas na produção jornalística. Esse diferencial que se destaca na cobertura do *Nós, mulheres...* é a presença das experiências corporificadas e subjetivas das próprias jornalistas como mulheres da periferia, destacando-se seu posicionamento de gênero e territorialidade. Essa particularidade distancia essa cobertura de uma prática jornalística convencional em que, na busca pela objetividade, não caberia a subjetividade, menos ainda as emoções, uma premissa que vem sendo repensada e reconfigurada nos últimos anos, especialmente após a chegada da pandemia do coronavírus. No caso da prática jornalística da G&N, na qual as experiências e subjetividades das jornalistas estão reguladas e pressionadas, em especial, pelo uso contínuo de parâmetros quantificados, seu diferencial com a prática jornalística convencional, ainda que se evidencie, torna-se mais matizado.

Por fim, consideramos, que a reflexão mobilizada pelo *Alma Preta* consegue apresentar um ponto de vista interseccional, que aciona fatores raciais, sociais e econômicos para contextualizar e narrar o fato de ter sido uma mulher negra a primeira vacinada no país. Além disso, tanto o título quanto o desfecho da matéria “É a voz dela que devemos ouvir e ela diz: Acreditem na vacina” dão visibilidade e endossam o posicionamento e o protagonismo de Mônica. Sendo assim, robustece a conceituação de imprensa negra como “veículos de comunicação produtores de conteúdo jornalístico em que o negro é apresentado como protagonista dos acontecimentos e discussões, em temáticas raciais e não raciais” (ARAÚJO; PERUZZO, 2019, p. 237).

Reiteramos que esta é uma reflexão ainda incipiente, mas que revela a potencialidade do acionamento das lentes feministas interseccionais, via adoção da categoria epistemológica e analítica da experiência, aplicadas a uma análise cultural do jornalismo. E, se este último for compreendido como uma forma cultural, não se trata de uma prática cristalizada no tempo e no espaço. Ao contrário, dialoga com mudanças políticas, econômicas e culturais de seu tempo, demandando para ser pensado novos quadros de referência.



Referências

ANTUNES, Elton. Narrativa. Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. In: FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo. (Org). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade** (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação, 2013.

ARAÚJO, Valmir; PERUZZO, Cicilia. **Imprensa negra e cidadania: conteúdos do Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z**. Revista Matrizes, v. 15, n. 2, 2021.

BADDINI, Bruna; FERNANDES, Daniel. “Primeira pessoa é vacina contra Covid-19 no Brasil”. **CNN BRASIL**, São Paulo, 17. jan.2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/17/primeira-pessoa-e-vacinada-contracovid-19-no-brasil>. Acesso em: 18.abr.2022.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. Myth, chronicle, and story: Exploring the narrative qualities of news. In: CAREY, James. (ed) **Media, Myths and Narratives** - Television and the Press. Londres: Sage, 1988.

BIROLI, Flávia. **Mulheres e política nas notícias**: Estereótipos de gênero e competência política. Revista Crítica de Ciências Sociais, online, 90/ 2010.

_____.; MIGUEL, Luis Felipe. **Gênero, raça, classe**: opressões cruzadas e convergências na reprodução de desigualdades. Mediações – Revista de Ciências Sociais, 20 (2), 2015.

CARVALHO, Carlos Alberto de; LAGE, Leandro. Sobre contribuições epistemológicas de Paul Ricouer para estudos em Comunicação: ação, narrativa e acontecimento. In: FRANÇA, Vera Veiga, et al. (org.). **Teorias da comunicação no Brasil**: reflexões contemporâneas. Salvador: Edufba,2014.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo, 5 (1), 2017.

COTIDIANO. “É a voz da enfermeira Mônica que devemos ouvir e ela diz: ‘Acreditem na vacina’”. **Alma Preta**, Brasil, 18. jan. 2021. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/e-a-voz-da-enfermeira-monica-que-devemos-ouvir-e-ela-diz-acreditem-na-vacina> . Acesso em: 30.mar.2021.

_____. “É a voz da enfermeira Mônica que devemos ouvir e ela diz: acreditem na vacina”. **Alma Preta**, 18. jan. 2021. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/e-a-voz-da-enfermeira-monica-que-devemos-ouvir-e-ela-diz-acreditem-na-vacina>. Acesso em: 17.abr.2022.

DO R7. “‘Não tenham medo’, afirma primeira mulher vacinada no Brasil”. **Notícias R7**, São Paulo, 17.jan.2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/nao-tenham-medo-afirma-primeira-mulher-vacinada-no-brasil-18012021>. Acesso em: 18.abr.2022.

“Enfermeira de SP é a 1ª vacinada do país; Doria e Pazuello trocam farpas”. **BBC NEWS Brasil**, 17.jan.2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55699131>. Acesso em: 18.abr.2022

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação**. Revista ECOPÓS, Rio de Janeiro, v.23, n.3, 2020, p. 130-138.



FUENTES, Raul. Tendencias regionales y transnacionales en la investigación en comunicação en America Latina. In: CROVI, Delia; TREJO, Raúl. (coord.) **Tejiendo nuestra história – Investigación de la comunicación en America Latina**. México, UNAM, 2018.

GRAY, Ann. Learning from experience: cultural studies and feminism. In: McGUIGAN, Jim. (Ed.). **Cultural methodologies**. Londres: Sage, 1997. p. 87-105.

HALL, Stuart. **A produção social das notícias: o mugging nos mídia**. In: TRAQUINA, Nelson. (org.) **Jornalismo: Questões, teorias e 'estórias'**, Vega, Lisboa, 1993.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LAGO, Cláudia; KAZAN, Evelyn; THAMANI, Manuela. **Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está?** Trabalho apresentado no 41º Congresso da Intercom, 2018.

_____.; NONATO, Claudia; CANJANI, Elisa; BERGO, Isabella. **A pandemia não tem rosto de mulher**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 19, n. 35, 2020.

MOREIRA, Jéssica; OLIVEIRA, Semayat. “Mônica Calazans e a vacina: felizes e ansiosas mas com os pés no chão”. **Nós Mulheres da Periferia**, 18.jan.2021. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/monica-calazans-e-vacina-felizes-e-ansiosas-mas-com-os-pes-no-chao/>. Acesso em: 17.abr.2022.

RIOS, Flavia; FREITAS, Viviane Gonçalves. **Nzinga Informativo: redes comunicativas e organizacionais na formação do pensamento negro brasileiro**. Cadernos Adenauer XIX, n. 1., pp. 25-46. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2018.

RODRIGUES, Rodrigo. “Não tenham medo’, diz Mônica Calazans, 1ª pessoa a ser vacinada no Brasil”. **G1 Globo**, São Paulo, 17. jan.2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 18.abr.2022.

SCHUDSON, Michael. News as stories. In: ROTHENBUHLER, Eric; COMAN, Mihai. (eds) **Media anthropology**. Londres, Sage: 2005, (pp.121-128).

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp71-99.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.